



ARTIGOS/ARTICLES





Religião e paz: teses a partir de uma visão cristã em perspectiva evangélico-luterana

(Religion and peace: theses based on a Christian view in an Evangelical-Lutheran perspective)

Rudolf von Sinner*

Em homenagem a Richard Harvey Wangen (1924-2006), pastor luterano estadunidense, residente e atuante no Brasil desde 1956, incansável advogado da paz, falecido em 15 de março de 2006.¹

RESUMO

O presente texto, apresentado originalmente numa mesa inter-religiosa, procura, sob forma de teses, contribuir para com uma postura religiosa sincera, autocrítica e crítico-construtiva em relação à sociedade e seus agentes, na busca do bem comum. Longe de serem as únicas atrizes, e ainda que pressupondo um estado laico, as religiões não deixam de ser uma força importante para a legitimação e o exercício de uma cultura da paz. Nessa caminhada, não se deve desconsiderar o aspecto da exclusividade salvífica que, de uma forma ou outra, está presente em todas as religiões. Estar convicto da validade e universalidade da própria fé não precisa, contudo, significar que se exclui a possibilidade de outros caminhos também serem verdadeiros. Importa ter abertura ao diálogo e à aprendizagem mútua, bem como colocar o bem comum antes dos interesses próprios. A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), que representei na referida mesa, vem se preocupando há muito tempo com a paz acompanhada de justiça social. Assim, o texto é dedicado ao Pastor Richard Harvey Wangen, incansável advogado da paz através da prática da não-violência, e encerra-se com uma oração de intercessão da referida Igreja, convidando suas comunidades a unir-se na promoção de uma cultura de paz e de não-violência.

Palavras-chave: Paz; Cristianismo; Tradição evangélico-luterana; Diálogo inter-religioso.

VEM SENDO MUITO DISCUTIDA a contribuição das religiões para a paz – ou para a guerra. Já virou clássica a afirmação de Hans Küng (1993) de que “não haverá paz no mundo sem paz entre as religiões”.² Também conhecemos bem os medos dos fanatismos e fundamentalismos, às vezes justificados, às vezes exage-

* Texto recebido em junho/2006 e aprovado para publicação em junho/2006.

* Natural de Basileia/Suíça e doutor em Teologia pela universidade da mesma cidade. Professor de Teologia Sistemática, Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso na Escola Superior de Teologia (EST) em São Leopoldo/RS e pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), além de pesquisador pela Fundação Nacional Suíça de Pesquisa (SNF).

¹ Ver a entrevista: Koch (2005); também a *Festschrift* aos 75 anos: Bobsin; Zwetsch (1999).

² E outras publicações que seguiram o projeto original. Ver também Guimarães (2004).

³ Para uma abordagem muito acessível no âmbito protestante, ver Dreher (2005).

⁴ Essas teses foram apresentadas originalmente no 3º Simpósio Internacional sobre Fenomenologia e Hermenêutica e 2º Colóquio Internacional da Sociedade Brasileira de Lévinas sobre “Bioethics, Biotechnology, Biopolitics”, comemorando o 100º aniversário do nascimento de Emmanuel Lévinas (1906-1995). Integraram ainda a mesa, realizada em 8 de junho de 2006, na PUC-RS, o Imam Ahmad Ali, o Padre Érico João Hammes e o Rabino Henry Sobel. Para esta publicação foi feita uma leve revisão, incorporando algumas perguntas levantadas no debate e buscando atender a elas.

rados, quando grupos extremistas de determinada religião são entendidos como representando a religião enquanto tal (ARMSTRONG, 2001).³ De qualquer forma, é preciso honestidade ao apresentar a própria posição, uma vez que cada religião traz em si certa ambigüidade em relação às temáticas de paz, guerra e violência. Assumindo-se essa ambigüidade, bem como as falhas históricas, é possível explorar a contribuição de cada religião para a paz. Atendendo convite para integrar uma mesa-redonda inter-religiosa sobre “Religião e paz”, formulei as teses que seguem, a partir da minha própria tradição religiosa, cristã, vista pela lente da tradição evangélico-luterana, que apresento aqui para um público mais amplo.⁴

QUEM QUER FALAR DA PAZ PRECISA FALAR DA CULPA E DO ARREPENDIMENTO

Quem quer falar da contribuição das religiões para a paz precisa falar autocriticamente de suas contribuições para a violência. O cristianismo é conhecido em especial pela radicalidade da ética de Jesus como expressa no sermão da montanha: “Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” (Mt 5, 44). Se comparado com essa meta, o resultado prático do cristianismo causa grande vergonha. Tantas guerras e tanta violência foram conseqüência da atuação de cristãos, não por último em detrimento dos nossos irmãos mais velhos, os judeus, e nossos irmãos mais novos, da fé islâmica, mas também contra indígenas e africanos e suas religiões. Conhecemos bem a história das cruzadas e da conquista das Américas, entre outras atrocidades. Foram muitos os cristãos que apoiaram o assassinato de 6 milhões de judeus na II Guerra Mundial. Não há como esquecer o depoimento do grande modelo da paz, o indiano Mohandas K. Gandhi, conhecido como “grande alma” (Mahatma): “Eu seria cristão se não fossem os cristãos”. Ou seja, é o testemunho de vida de muitos cristãos que trai o testemunho de sua palavra. Nosso discipulado equivocado tem traído o Cristo tantas vezes ao longo da história. Em muitas outras, provavelmente em todas as religiões temos desvios semelhantes. Mas posso falar apenas por minha, a religião cristã. Assim, não há como falar da contribuição da religião cristã para a paz sem falar, honesta e autocriticamente, da violência que causou. A mensagem da paz da reli-

gião cristã passa, necessariamente, pela postura de arrependimento e confissão de culpa.⁵

QUEM QUER FALAR DA PAZ PRECISA FALAR DA AMBIGÜIDADE DAS BASES RELIGIOSAS

Minha segunda tese começarei com uma anedota:

Um rabino e um pastor participaram juntos num congresso e tiveram que compartilhar o quarto. Na manhã seguinte, se encontram no café da manhã. Diz o pastor: “Espero que não tenha incomodado o sr. ao deixar a luz acesa por tanto tempo. É que não consigo dormir a não ser que leia, durante 15 minutos, a Palavra de Deus”. Respondeu o rabino: “Que estranho! Se eu lesse a Palavra de Deus à noite, durante 15 minutos, acredito que não conseguiria dormir!”.⁶

A Escritura, de fato, tanto conforta quanto inquieta. Serviu historicamente como legitimação da guerra, da violência, da escravatura, para dar uns exemplos, tanto quanto serviu para a superação destes. Para fazer jus ao testemunho bíblico, precisamos assumir essa ambigüidade. Encontramos na Bíblia a clara percepção da profunda ambigüidade da atuação humana. Já no quarto capítulo da Bíblia ocorre um assassinato, quando Caim mata seu irmão Abel (Gn 4, 1-16). Ao longo do texto bíblico encontramos relatos de guerra e violência. Pior até do que a atuação humana é que o próprio Deus incentiva e faz parte de atos de guerra e violência. Nem Jesus está isento: encontramos, no testemunho dos evangelhos, afirmações como a seguinte: “Eu vim para lançar fogo sobre a terra e bem quisera que já estivesse a arder” (Lk 12, 49), ou “não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada” (Mt 10, 34).⁷ Embora esses textos devam ser vistos em relação à expectativa da iminência do Reino de Deus e, portanto, à urgência de os fiéis se posicionarem com radicalidade, até separando-se da família, não deixam de incomodar por sua linguagem de violência.

QUEM QUER FALAR DA PAZ EM PERSPECTIVA CRISTÃ PRECISA FALAR DO TESTEMUNHO DE JESUS

Não obstante a ambigüidade das bases bíblicas, o exemplo de Jesus e sua proclamação não deixam de ser um constante desafio

⁵ Em resposta a uma pergunta que me foi feita depois do evento, afirmo que isso não significa ficar preso à culpa histórica. Evidentemente, não podemos reescrever a história e precisamos conviver com essa herança. Contudo, ao assumir e confessar a culpa, e pelo perdão mútuo, podemos ser libertados para uma nova aproximação entre os povos e as religiões.

⁶ Contado pelo ex-presidente da Alemanha, Johannes Rau, no seu discurso ao receber o título de doutor *honoris causa* da Universidade de Bochum (*apud* DIE-TRICH; MAYORDOMO, 2005, p. 23).

⁷ Na radicalidade do discipulado ao qual os discípulos são chamados e da expectativa da proximidade do Reino de Deus.

⁸ Sobre a vulnerabilidade e suas implicações políticas, ver Stålsett (2006, p. 357-362).

para seus seguidores (Cf. YODER, 1988; WENGST, 1991; BUTIGAN; BRUNO, 2003, p. 47-72). Ele radicalizou o mandamento do amor a Deus e ao próximo para incluir também o amor ao inimigo. Tornou-se vulnerável à perseguição, à tortura e à morte na cruz.⁸ Muitas pessoas, incluindo cristãos, acham impossível seguir tal caminho. Nos anos 1970, num ditado que se tornou famoso, o então chanceler alemão Helmut Schmidt, social-democrata e cristão assumido, negou que se possa fazer política com o Sermão da Montanha (SCHMIDT, 1976; cf. SCHOBERTH, 1998, p. 108-140). Frases como Mt 5, 39: “Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra” seriam pura ingenuidade. Afinal, teriam sido escritas em outro contexto, em outro tempo. Certamente, não há como negar que a situação dos discípulos na Palestina ocupada pelos romanos no tempo de Jesus era bem diferente da do poderoso líder político alemão em plena Guerra Fria. Contudo, já daria para encerrar o assunto por causa disso? Se assim fosse, nenhum texto bíblico poderia ter relevância para nós hoje, já que todos foram escritos em outro tempo e contexto. Se lido numa perspectiva literalista, fundamentalista, certamente não há como usar o Sermão da Montanha como base de uma prática política. No entanto, pode nortear uma ética política a partir de uma leitura que procure identificar a mensagem central. Vale citar o trecho completo aqui (Mt 5, 38-42):

Ouvistes que foi dito: olho por olho, dente por dente. Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra; e, ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa. Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas. Dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes.

O assunto principal aqui é de não entrar na lógica do agressor, retribuindo violência com violência, mas oferecer outra lógica, surpreendente e por isso eficaz. Lembrando, mais uma vez, a prática de Gandhi: não é fraqueza, mas bem ao contrário um ato corajoso oferecer-se ao inimigo sem uso de violência, assim tirando toda legitimidade dele. Nas suas marchas pelo direito de explorar o sal, negado pelo poder colonial britânico, Gandhi e seus seguidores enfrentaram os soldados de forma firme, porém sem se defender nem partir para o contra-ataque. É um ato que exige muita força de vontade, disposição e, não por último, fé. Como Gandhi, Dom Oscar Romero e outros líderes cristãos na

América Latina fizeram protestos fortes, eficientes e não violentos contra a repressão dos regimes militares. Lido nessa perspectiva mais ampla, o Sermão da Montanha pode, sim, nortear uma ética política, embora não seja – como, de fato, toda a Bíblia não é – um receituário pronto para o uso.

QUEM QUER FALAR DA PAZ PRECISA OLHAR PARA OS SEUS PROFETAS

Em qualquer situação de guerra ou violência, precisamos de sinais proféticos de contradição à violência. Lembramos o testemunho do teólogo luterano alemão Dietrich Bonhoeffer, que completaria 100 anos em 2006. Ele apoiou com convicção o atentado do 20 de julho de 1944 contra o Führer Adolf Hitler e pagou com sua vida esse apoio. Apesar de implicar um ato de violência, ou seja, o assassinato do ditador, essa decisão procurava evitar mais sofrimento, mais mortes, mais violência. Bonhoeffer tinha consciência de que não era possível ficar com mãos limpas nessa situação, mas que era responsabilidade dos cristãos fazerem o melhor possível (Cf. BONHOEFFER, 2001). Já em 1934, Bonhoeffer teve a ousadia de declarar reunido, durante um encontro ecumênico na ilha dinamarquesa de Fanø, o concílio ecumênico que proclamaria a paz de Cristo “sobre o mundo enfurecido”.⁹ Evidentemente, essa pequena reunião carecia do fôlego e da representatividade necessárias para realmente constituir tal concílio. Contudo, a palavra profética de Bonhoeffer marcou o grupo presente e também as gerações seguintes. Em 1948, o Conselho Mundial de Igrejas afirmou, na sua primeira Assembléia em Amsterdã, que “a guerra é contrária à vontade de Deus” e que “a paz requer um ataque nas causas do conflito entre os poderes” (*apud* YODER, 2005, p. 892). De fato, o Conselho Mundial e seus precursores sempre tiveram uma grande preocupação com a paz, o que não é de estranhar diante da situação da Europa entre e após duas guerras mundiais sangrentas. Na 6^a Assembléia em Vancouver, no Canadá, em 1983, surgiu a proposta de um “processo conciliar de mútuo compromisso para a justiça, a paz e a integridade da criação”, que animou não apenas igrejas, mas muitos grupos engajados na base para uma diversidade de ações e articulações (Cf. TIEL, 1988, p. 153-170; VISCHER, 1988, p. 10-20, 1988). Mais recentemente, o CMI convocou uma “dé-

⁹ “Somente o uno grande concílio ecumênico da Igreja Santa de Cristo do mundo inteiro pode dizê-lo de tal forma que o mundo precisa ouvir, sob ranger de dentes, a palavra da paz e que os povos se alegrarão porque esta Igreja de Cristo tira as armas das mãos dos seus filhos, em nome de Cristo, e lhes proíbe a guerra e proclama a paz sobre o mundo enfurecido” (Kirche und Völkerwelt. In: London 1933-1935. *Dietrich Bonhoeffer Werke v. 13*. Munique: Chr. Kaiser, 1994, p. 301 *apud* Lienemann, 2000, p. 11; tradução minha).

¹⁰ Informações disponíveis em <http://superaraviolencia.org>, acesso em 18 out. 2006. O foco do ano de 2006 é o continente latino-americano.

cada pela superação da violência” (2001-2010), juntando forças para trabalhar questões de paz e de violência nas igrejas e no mundo.¹⁰

Poderíamos citar também muitas testemunhas no Brasil e na América Latina, pessoas que ergueram a voz em prol da paz sem uso da violência. Por exemplo, o recém-falecido pastor Ricardo Wangen, a cuja homenagem dedico estas reflexões. Na Segunda Guerra, Wangen integrara as tropas americanas que lutaram nas Filipinas. Ele entendeu que teria morrido no campo de batalha se a guerra tivesse durado apenas um dia a mais. Chegou a ver o efeito da destruição em Hiroshima e Nagasaki pela bomba nuclear. Interpretou que foi poupado para uma missão, o que o levou a se empenhar, no resto de sua vida, para uma educação para a paz e atitudes não violentas. Foi um grande defensor do recente referendo sobre a proibição da comercialização de armas no país (ver a entrevista in KOCH, 2005, p. 3). Lembro também a irmã Dorothy Stang, incansável lutadora para os direitos dos pobres, de forma clara e profética, mas não violenta. Foi um grande choque vê-la assassinada por mandato, com frieza e alarman-te naturalidade, como tantas e tantos outros.

QUEM QUER FALAR DA PAZ PRECISA FALAR DO BEM-ESTAR INTEGRAL

Há amplo consenso de que a paz não é apenas a ausência de guerra ou violência. O conceito bíblico de paz, *Shalom*, em hebraico, ou *eirene*, em grego, implica um bem-estar integral. A necessidade desse conceito amplo de paz fica especialmente evidente na situação que estamos vivendo no Brasil: há muito tempo o país não foi envolvido numa guerra entre países, porém vive uma guerra interna com o crime organizado, como recentemente em São Paulo.¹¹ Trata-se, principalmente, do enorme poder do narcotráfico. Por que tantos jovens aderem a ele? Entre outros motivos, é por ganhar bem e ter o respeito dos outros. Ao segurar uma arma, o menino até então desconhecido, sem voz nem vez, torna-se poderoso, ainda que por um tempo restrito pelo perigo que a “profissão” traz consigo. De forma chocante, o documentário “Falcão: meninos do tráfico”, de M. V. Bill e Celso Athayde (2006), trouxe esse fato para dentro dos nossos lares. Não há paz se não pelo bem-estar integral, com trabalho

¹¹ “Maior ataque do PCC faz 32 mortos em SP”. **Folha de S. Paulo**, 14 de maio de 2006. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1405200601.htm>, acesso em 24 out. 2006.

digno, salário digno e respeito. Portanto, o engajamento pela paz passa pelo engajamento em prol da cidadania efetiva de todos. A dignidade conferida a cada um por Deus precisa ser enxergada e respeitada. Quem sente sua dignidade ferida é muito propício a tornar-se violento. Eis uma tarefa para as igrejas contribuírem com uma cultura da paz, defendendo a cidadania, a dignidade e a justiça social e fomentando o respeito e a confiança entre as pessoas.

QUEM QUER FALAR DA PAZ EM PERSPECTIVA RELIGIOSA PRECISA FALAR DO CRENTE COMO CIDADÃO

Vale lembrar-se da posição de Martim Lutero (1996, p. 79-14 e p. 360-401), certamente filho do seu tempo e nada livre de ambigüidades. Achou palavras fortes para condenar os camponeses revolucionários, os anabatistas, os “papistas”, como chamava os representantes da hierarquia católica, os judeus e os turcos, ou seja, os muçulmanos (Cf. BRANDT, 2005, p. 45-67). Lutero não foi pacífico nem pacifista. Por outro lado, deu uma contribuição fantástica ao socializar a palavra de Deus entre o povo, fazendo-o ver que Deus ama cada um e morreu na cruz e ressuscitou em prol deles, não precisando da tutela da Igreja para crerem. Em meio a medos e dependências, trouxe confiança, educação e liberdade. Em relação à política, Lutero entendeu que o cristão não deveria reivindicar nada para si mesmo e até renunciar à sua defesa. Porém, o cristão é também cidadão, e nessa função tem a obrigação de zelar pelo direito justo que protege as pessoas, entre outros, de atos de violência. Portanto, tem o dever de atuar especialmente em favor das vítimas de transgressões da lei. Os cristãos não estão fora do mundo, mas dentro dele, e assim vão colaborar com a ordem política e civil desde que esta seja legítima (SINNER, 2005, p. 32-61).

QUEM QUER FALAR DA PAZ PRECISA FALAR DE UMA ORDEM DE DIREITO, JUSTA E DEMOCRÁTICA

É preciso e legítimo que o Estado exerça o poder, inclusive de coerção, dentro da lei democraticamente estabelecida. É bom que o Estado detenha o monopólio de armas e de coerção. Não

¹² Ver, por exemplo, Instituto Nacional de Pastoral, 2003 e pioneiros dessa postura, muitas vezes adotada contra a própria igreja ou a posição majoritária nela: Sinner; Wolff; Bock (2006).

¹⁵ No debate que se seguiu à apresentação original destas teses, fui questionado sobre essa referência a Kant. Não estou dizendo que se possa legitimar, de imediato e com necessidade, as chamadas “intervenções humanitárias” a partir de Kant. Importa destacar, isto sim, que ele vislumbrou a necessidade de uma estrutura internacional de direito para garantir a paz. Portanto, a legitimidade de tais intervenções depende da legitimidade e do bom funcionamento dessas estruturas, hoje principalmente da ONU – e aqui certamente cabem muitos questionamentos. Porém, precisa responder aos questionamentos também aquele que deixa de intervir em casos de genocídio. Sobre o assunto, ver também Höffe (2004, p. 269).

pode ser conivente com outros poderes, mas também não pode cooperar e fazer jogo duplo, como ocorre com frequência nas polícias. Cabe à sociedade civil, e portanto também às igrejas e religiões, colaborar nessa importante tarefa do Estado, ao mesmo tempo que fiscalizá-la, para que ocorra, de fato, dentro da lei. Durante o regime militar, foi fundamental a contribuição das igrejas e religiões na resistência a uma ordem ilegítima.¹² Hoje, é preciso colaborar, de forma crítica e construtiva, com o poder público para que possa exercer sua função de proteger e sustentar a população. Já o primeiro assassino no relato da Bíblia, Caim, é protegido por Deus para não ser vítima de vingança (Gn 4, 15). O crime precisa ser punido, mas não de forma vingativa, nem autojustificada. Apenas a autoridade competente pode e deve punir.

QUEM QUER FALAR DA PAZ PRECISA FALAR DA ORDEM INTERNACIONAL

O uso de violência só faz algum sentido, hoje, quando para proteger as vítimas da agressão. Na época, o teólogo suíço Karl Barth advogava fervorosamente a resistência militar contra Hitler, para evitar maior prejuízo para o continente. Já com mais de 50 anos de idade, chegou a alistar-se como voluntário no exército suíço para fazer a sua parte. Nos anos 1960 e adiante houve discussão sobre a possibilidade de o cristão juntar-se a forças revolucionárias que procuravam, pela luta armada, depor um regime opressor e estabelecer a justiça social e política. Mais recentemente, muitas vezes concordaram com a guerra contra o exército servo, em 1999, para proteger suas vítimas no Kosovo (ex-Iugoslávia) do que pode ser considerado genocídio. Também o Brasil atua, hoje, com soldados em países de conflito para garantir proteção à população e possibilitar o estabelecimento de um estado democrático. Esse tipo de intervenção no nível internacional pode ser considerado legítimo quando aparece como mal menor, em casos extremos, mas somente numa efetiva e eficiente ordem jurídica internacional, algo vislumbrado já no século XVIII pelo filósofo Immanuel Kant (1724-1804) no seu famoso escrito **Da paz perpétua**, de 1795.¹³

QUEM QUER FALAR DA PAZ PRECISA FALAR DA LIBERDADE RELIGIOSA

Cabe também ao Estado garantir a liberdade religiosa e o livre exercício da religião dentro da lei. Cabe-lhe, portanto, punir atos de violência religiosa, como os que vêm ocorrendo, por exemplo, de fiéis neopentecostais contra terreiros afro-brasileiros. Temos de admitir que a paz religiosa, que pressupõe a tolerância e a liberdade, foi conquistada, em não pequena parte, contra as igrejas e não com elas. Foi o iluminismo que propiciou tal postura. Mas já Hugo Grotius (1538-1645) previa, em meio à Guerra dos Trinta Anos, um sistema de direito dos povos na Europa que garantisse sua convivência pacífica (*De iure belli ac pacis*, 1625). Apesar de ser cristão, afirmava que o direito tinha de ser estabelecido *etsi Deus non daretur*, como se Deus não existisse, portanto, de forma laica e auto-sustentável. É imprescindível para a paz entre as pessoas, inclusive as pertencentes a diferentes crenças, que aceitem esse pressuposto laico do Estado e colaborem para sua permanência.

QUEM QUER FALAR DA PAZ PRECISA FALAR DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

Diferente do que, às vezes, se pensa, manter que a própria fé é a melhor não implica, necessariamente, uma postura antagônica em relação a outras religiões. É preciso admitir que tal postura de superioridade ou até exclusividade ocorre na maioria, se não em todas as religiões. Com efeito, no cristianismo convivem a noção da universalidade da salvação – Deus quer que todos sejam salvos (1Tim 2, 4: “[Deus] deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade”) – e da exclusividade do Cristo como caminho dessa salvação (“Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim”, Jo 14, 6) (SINNER, 2005). Faz parte de muitas, talvez todas as religiões que reclamam certa exclusividade sobre seu caminho para a salvação, libertação, realização ou seja como for descrito e nomeado o destino final do crente. Porém, estar convicto da validade e universalidade da própria fé não precisa significar que se exclui a possibilidade de outros caminhos também serem verdadeiros. Para estar disposto a dialogar é necessá-

rio conhecer a base de sua própria fé, mas ao mesmo tempo estar aberto para aprender algo novo do parceiro nesse diálogo. Deus é sempre maior do que percebemos dele, e o Espírito Santo é o “vento que sopra onde quer” (Jo 3, 8). Existem muitos exemplos de diálogo entre cristãos e fiéis de outras religiões que mostram que isso é possível sem renunciar à sua fé ou desprezar a do outro.

QUEM QUER FALAR DA PAZ PRECISA FALAR DA COOPERAÇÃO RELIGIOSA

O testemunho de muitas igrejas cristãs no Brasil tende a estar na contramão dessa abertura e disposição para o diálogo. Em vez de contribuir para a cooperação num clima de confiança, muitas vezes contribuem para aumentar o antagonismo e a desconfiança, já fortes no país. Perguntados se, em geral, confiavam nas pessoas, apenas 3% dos brasileiros responderam “sim” (dados de 2003), enquanto essa média foi de 19% no continente e de 37% no Uruguai (SINNER, 2004, p. 127-143; 2005, p. 5-20). Não é que não exista confiança interpessoal, mas ela se dá apenas entre pessoas ligadas por parentesco, amizade ou, ainda, pertença à mesma igreja. Por outro lado, as igrejas estão no topo da confiança institucional, gozando de muita credibilidade perante a população. Importa não desperdiçar esse crédito, nem usá-lo em interesse próprio, mas construir em cima dele para facilitar a convivência de todos no país.

QUEM QUER FALAR DA PAZ PRECISA FALAR DO BEM COMUM

Cabe às igrejas e a todas as religiões, enquanto integrantes da sociedade civil, contribuírem para o bem de todos e não apenas de si mesmas. Mais e mais, uma variedade de igrejas e religiões é chamada para um ato público, seja uma formatura, uma celebração pela paz, uma inauguração ou outro momento importante na vida pública. É positivo que, dessa forma, se reconheça a presença de uma variedade de religiões em nosso país e a contribuição que podem dar para a vida pública. Contudo, não há em geral possibilidade de preparação em conjunto e cada religião

acaba usando os dois minutos que lhe são atribuídos do jeito que quiser. Não poucas vezes, o espaço acaba sendo usado para propaganda em interesse próprio. Não pode nem deve ser assim. Quem participa de um ato inter-religioso precisa estar aberto ao diálogo e à cooperação com as outras religiões, em prol do bem comum. Portanto, urge criar ou fortalecer fóruns inter-religiosos para garantir essa efetiva cooperação.

CONCLUSÃO

Gostaria de encerrar esta breve exposição, mais provocadora do que conclusiva, com um trecho da recente carta da presidência da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IE-CLB), que confia às comunidades o seguinte motivo de intercessão comum:

A sociedade de paz é o nosso sonho, mensagem e compromisso. Esforcemo-nos para propiciar que em todo lugar “encontrem-se a misericórdia e a verdade, justiça e paz se beijem, da terra brote a verdade, e dos céus a justiça baixe o seu olhar” (Salmo 85.10-11). Por isso, nestes próximos dias propomos que nossa intercessão comum seja: “Que Deus nos fortaleça na fé e na esperança para sermos testemunhas do Seu amor e que juntos possamos promover a cultura de paz e de não-violência”. (ALTMANN, 2006)

ABSTRACT

This article, originally presented at an inter-religious panel, seeks to contribute to a sincere, self-critical and critically constructive attitude in relation to society and its actors, in order to foster *bonum commune*. Far from being the only actors, and presupposing a lay State, religions still remain an important force for the legitimacy and exercise of a culture of peace. On the road, the aspect of exclusiveness of salvation must not be overlooked, as it is present in some way or another in all religions. To be convinced of the validity and universality of one's own faith, however, does not imply the negation of truth in other religions. It is important to be open to dialogue and mutual learning, as well as to seek *bonum commune* before one's own interests. The *Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil* – IECLB (Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil), which the author represented at the panel, has been dealing with issues of peace with social justice for quite a long time. Thus, this text is dedicated to the memory of the Rev. Richard Harvey Wangen, an untiring defender of peace through the practice of non-violence, and ends with an intercessory prayer of that Church, inviting its congregations to unite in the promotion of a culture of peace and non-violence.

Key words: Peace; Christianity; Lutheran tradition; Inter-religious dialogue.

Referências

- ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus**: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BILL, M. V.; ATHAYDE, Celso. **Falcão**: meninos do tráfico. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- BOBSIN, Oneide; ZWETSCH, Roberto E. (Org.). **Prática cristã**: novos rumos. São Leopoldo: Sinodal, 1999.
- BONHOEFFER, Dietrich. **Ética**. Tradução Helberto Michel. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- BRANDT, Hermann. Identidade luterana: ética, missão, diálogo das religiões. Tradução Luis M. Sander. In: WACHHOLZ, Wilhelm (Coord.). **Identidade evangélico-luterana e ética**: São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 45-67.
- BUTIGAN, Ken; BRUNO, Patrícia, O. P. **Da violência à integridade**: um programa sobre a espiritualidade e a prática da não-violência ativa. Tradução Edda Isernhagen. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- DIETRICH, Walter; MAYORDOMO, Moisés. **Gewalt und Gewaltüberwindung in der Bibel**. Zürich: TVZ, 2005.

DREHER, Martin. **Para entender o fundamentalismo**. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

Folha de S. Paulo, “Maior ataque do PCC faz 32 mortos em SP”. São Paulo, Cad. Cotidiano, 14 de maio de 2006. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1405200601.htm>, acesso em 24 out. 2006.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Um novo mundo é possível**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

HÖFFE, Otfried (Org.). **Immanuel Kant: Zum ewigen Frieden**. 2. ed. Berlin: Akademie-Verlag, 2004.

INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL (Org.). **Presença pública da Igreja no Brasil: Jubileu de Ouro da CNBB (1952-2002)**. São Paulo: Paulinas, 2003.

KANT, Immanuel. **Da paz perpétua e outros opúsculos**. Lisboa: Edições 70, 1992.

KOCH, Ingelore Starke. Wangen: é positivo o resultado do referendo contra a venda de armas. **Boletim da EST**, São Leopoldo, v. 6, n. 18, p. 3, dez. 2005.

KÜNG, Hans. **Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana**. São Paulo: Paulinas, 1993.

LIENEMANN, Wolfgang. **Frieden: vom “gerechten Krieg” zum “gerechten Frieden”**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2000.

LUTERO, Martinho. Da autoridade secular, até que ponto se lhe deve obediência. In: LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal, 1996. v. 6. p. 79-14.

LUTERO, Martinho. Acerca da questão, se também militares ocupam uma função bem-aventurada. In: LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal, 1996. v. 6. p. 360-401.

SCHMIDT, Helmut. **Als Christ in der politischen Entscheidung**. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus Mohn, 1976.

SCHOBERTH, Wolfgang. Die bessere Gerechtigkeit und die realistische Politik. Ein Versuch zur politischen Ethik. In: FELDMEIERS, Reinhard (Org.). **“Salz der Erde”**: Zugänge zur Bergpredigt. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1998. p. 108-140.

SINNER, Rudolf von. Confiança e convivência. Aportes para uma hermenêutica da confiança na convivência humana. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 44, n. 1, p. 127-143, 2004.

SINNER, Rudolf von. Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões. **Cadernos de Teologia Pública**, São Leopoldo, v. 2, n. 9, 2005.

SINNER, Rudolf von. Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 34, n. 145, p. 553-573, 2004.

SINNER, Rudolf von. “Felizes os que promovem a paz” (Mt 5, 9). A contribuição do ecumenismo para uma cultura da paz. **Encontros Teológicos**, São Leopoldo, v. 20, n. 28, p. 5-20, 2005.

SINNER, Rudolf von; MAJEWSKI, Rodrigo Gonçalves. A contribuição da IECLB para a cidadania no Brasil. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 45, n. 1, p. 32-61, 2005.

SINNER, Rudolf von; WOLFF, Elias; BOCK, Carlos Gilberto (Org.). **Vidas ecumênicas**. São Leopoldo: Sinodal; Padre Reus, 2006. (no prelo).

STÅLSETT, Sturla J. Um outro mundo – presente. Apontamentos sobre religião e poder político. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). **Teologia para outro mundo possível**. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 357-362.

TIEL, Gerhard. O processo conciliar de mútuo compromisso para a justiça, paz e integridade da criação. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 28, n. 2, p. 153-170, 1988.

VISCHER, Lukas. Preparativos ecumênicos para uma assembléia mundial da paz. **Concilium**, Petrópolis, v. 215, n. 1, p. 10-20, 1988.

WENGST, Klaus. **Pax romana**: pretensão e realidade. São Paulo: Paulinas, 1991.

YODER, John Howard. **A política de Jesus**. São Leopoldo: Sinodal, 1988.

YODER, John Howard. Paz. In: LOSSKY, Nicholas *et al.* (Ed.). **Dicionário do movimento ecumênico**. Tradução Jaime Clasen. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 890-893.